

Crise uruguaia põe fim ao mito da estabilidade

Com desemprego em 15,6% e inflação acumulada de 12,41% este ano, PIB do país deve recuar 8% em 2002

Janaína Figueiredo

Enviada especial

• MONTEVIDÉU. O Uruguai sempre foi um sinônimo de estabilidade. Um país com certa igualdade social, um dos sistemas financeiros mais sólidos do continente e uma população acostumada a viver sem grandes sobressaltos.

Nos últimos quatro anos, no entanto, a história mudou. Depois que o Brasil desvalorizou o real e a Argentina iniciou um processo de recessão econômica, a tradicional estabilidade uruguaia foi abalada.

— Apesar de crises gravíssimas, como a hiperinflação na Argentina, no fim dos anos 80, sempre conseguimos nos proteger. Em 1990, a inflação bateu um recorde no Uruguai, chegando a 125%, mas nunca atingiu 3.000%, como nos países vizinhos — disse ao GLOBO o economista Fernando Antía, diretor do Instituto de Economia da Faculdade de Ciências Econômicas da República do Uruguai.

País também enfrenta saques a supermercados

De acordo com o economista, o país está atualmente mergulhado na pior crise de sua



CENTENAS DE PESSOAS pedem comida no bairro de El Cerro: a pobreza já atinge 28% da população

História:

— Para este ano estimamos queda de 8% do PIB.

A crise econômica mudou a vida dos uruguaios. A taxa de desemprego já chega a 15,6%, segundo dados oficiais. A pobreza atinge 28% dos 3,2 milhões de habitantes do país.

Nos últimos meses, Montevideo foi se tornando cada vez mais parecida com as demais capitais latino-americanas. Em várias esquinas, jovens excluídos do mercado de trabalho oferecem uma rápida limpeza no vidro dos carros, em troca de algumas moedas. Na pe-

riferia da capital do país, que apenas há alguns anos era considerado a Suíça da América Latina, devido à qualidade de vida de sua população, o tamanho das vilas-miséria (chamadas, ironicamente, de *cantegril*, nome de um dos bairros mais chiques do balneário de

Punta del Este) aumenta todos os meses.

— Estou desempregado há quatro meses, minha mulher está doente e tenho três filhos pequenos. Parece mentira, mas a fome está chegando ao Uruguai — comentou Carlos Valenzuela, de 39 anos, morador do bairro Borro, um dos mais pobres de Montevideo.

Na semana passada o Uruguai foi cenário de saques a supermercados, cena comum no auge da crise argentina. O governo afirma que essas ações foram organizadas para prejudicar a imagem do país.

Preocupação do governo é com o sistema financeiro

Para as autoridades uruguaias, o problema mais grave, neste momento, é a crise do sistema financeiro. A partir dos anos 70, o país deu grandes benefícios aos correntistas estrangeiros, permitindo a livre mobilidade de capitais, depósitos e contratos em dólares, além de outros incentivos para captar depósitos.

O sistema financeiro cresceu e chegou a ser um dos mais importantes da região. No entanto, a crise argentina contagiou o país e pôs em xeque os bancos uruguaios.

Nos primeiros seis meses deste ano, o Banco Central uruguaio perdeu US\$ 1,6 bilhão em reservas. A sangria de depósitos superou os US\$ 4,5 bilhões. Em junho passado, o governo decidiu liberar o câmbio, eliminando o sistema de bandas.

Inflação de julho é a maior em dez anos

Resultado: a inflação, que em todo o ano de 2001 foi de apenas 3,6%, acumula nos primeiros sete meses deste ano um aumento de 12,41%. Em julho, ficou em 4,86%, informou ontem o Instituto Nacional de Estatísticas (INE). Esta é a maior taxa desde janeiro de 1992, quando registrou 5,22%.

O dólar, que abriu o ano em 14 pesos, chegou a bater 35 pesos. A taxa de risco do país ultrapassou os dois mil pontos-base, passando a integrar a lista dos países que despertam desconfiança nos mercados internacionais.

— Estamos vivendo momentos de muita tensão, uma realidade nova para os uruguaios. Esperamos que tudo isso termine rápido, e que tenhamos a capacidade de recuperar a estabilidade perdida — enfatizou Antía. ■